# Teses quineanas - 17/11/2023

\_Visa passar pelas principais teses de Quine contra o modelo canônico\*\*[i]\*\*\_  
  
O modelo padrão estabelecido é conhecido por tratar o conhecimento como crença  
verdadeira justificada. Quine o critica porque há dificuldade na justificação  
racional de crenças, o conceito de verdade é um problema e por suas posições  
fundacionalistas e normativistas. Como alternativa surge a proposta de uma  
epistemologia naturalizada[ii] que vê a ciência como um tipo de conhecimento  
que pode ser descrito em seu processo de constituição, que afasta a  
necessidade de ser justificada para ter “status” de conhecimento, por ser uma  
epistemologia que é vista como um capítulo das ciências naturais e, por isso,  
não normativa e, por fim, por se ater a uma explicação holística do  
conhecimento.  
  
De acordo com Conserva e a literatura, o modelo padrão remonta a Platão  
(diálogos Mênon e Teeteto) através de teses como conhecimento proposicional e  
universalidade. Porém não obstante seu predomínio, o modelo padrão de  
conhecimento é motivo de muitas interpretações, embora haja a seguinte teoria  
firmada:  
  
a) Conhecimento é X.  
  
b) X deve ser algo informativo.  
  
c) As nossas intuições (crenças) são tomadas como ponto de partida:  
pensamos que uma crença X é um caso de conhecimento, que uma crença Y não é o  
caso de conhecimento.  
  
d) Desenvolvemos os esforços para justificar os casos de X como  
conhecimento e os casos de não X como não conhecimento.  
  
Portanto, \_o que queremos dizer\_ com conhecimento? Bem, o conhecimento se dá  
pela noção de significado, então procuramos estabelecer o significado dos  
conceitos como crença, verdade e justificação e saber como aplicá-los por meio  
de uma definição operativa que permite decidir sobre os casos. E isso é um  
critério normativo.  
  
\*\*A reação quineana ao modelo padrão\*\*. Quine não se detém à análise do  
significado dos conceitos do modelo padrão, porém busca descrever como os  
indivíduos adquirem determinadas crenças principalmente as que falam sobre  
estados de coisas do mundo. Ao invés do conceito foca-se no fenômeno natural.  
Analisa-se o processo de constituição de crenças racionais e por qual razão é  
a Ciência o caminho mais confiável em uma crítica ao modelo padrão mais sólida  
que a de Gettier.  
  
\*\*O problema relacionado com a justificação de crenças\*\*. Gettier já alertava  
que mesmo uma crença bem justificada pode não ser verdadeira. Isso porque se  
exemplifica conhecimento por sentenças declarativas representadas pela  
fórmula: P sabe que S. Porém, “sabe” depende das noções de crença e  
justificação tornando o argumento circular. O ponto de Gettier é a  
justificação e Quine concorda com ele porque uma crença verdadeira pode estar  
assentada em conjecturas e aí não seria conhecimento. Justificação e verdade  
se distinguem: pode haver crença verdadeira sem ser justificada ou crença  
justificada que não seja verdadeira.  
  
Conserva ressalta que a crença pode decorrer mais de uma empatia, ligada a uma  
disposição psicológica, do que de justificação, de um assentimento intelectual  
que poderia alçar determinada realidade a um status do conhecimento. Gettier  
bem demonstrou que um indivíduo pode ter uma crença P falsa que foi bem  
justificada e o ludibriou, dado o caráter de disposição psicológica de  
tendencia a concordar com ela, não obstante esteja racionalmente fundamentada.  
  
Mas Quine, que refuta o normativismo, não pretende analisar critérios de  
justificação. Sua epistemologia pretende descrever o processo de aquisição das  
crenças por meio de uma psicologia empírica baseada no behaviorismo. Para  
Quine, nossas intuições dependem de esquemas linguísticos que podem ser  
verificados por meio de uma teoria do aprendizado linguístico e da  
naturalização da epistemologia. A formação de crenças vai depender de um  
sistema linguístico e de evidências empíricas que, juntos, formarão uma rede  
dentro da qual sentenças podem ser consideradas verdadeiras ou falsas. Devemos  
levar em conta também a realidade em relação ao conhecimento geral e ao  
científico em particular, associado a uma referência e ontologia.  
  
É através desses pressupostos que se pode criar uma representação racional da  
realidade tomando como exemplo as Ciências empíricas e o conjunto de crenças a  
ela associada. Essas crenças constituem uma teia com algumas mais resistentes  
e outras podendo ser rejeitadas e a rede se reajusta, por meio de uma teoria  
holística. Mas as alterações devem ser feitas com simplicidade e sem que a  
teia seja mutilada.  
  
Cabe ao epistemólogo escolher um esquema conveniente superando até uma  
possível correspondência aos fatos. É por meio do pragmatismo que o  
fundacionalismo e o normativismo podem ser contornados. E a crítica de Quine  
vai abranger a Epistemologia, tido como Filosofia primeira e a Teoria do  
conhecimento que se pretende normativa. Evitando a necessidade de justificação  
recusa-se uma hierarquia epistemológica abrindo espaço para outro recorte  
teórico.  
  
\*\*A consequência fundacionalistas na tradição filosófica e no empirismo  
lógico\*\*. De acordo com Conserva, o fundacionalismo epistemológico se inicia  
com Descartes, pois funda no sujeito o ponto indubitável de conhecimento,  
anterior ao empírico. Nessa visão, há uma hierarquia que se funda na  
Epistemologia que precede a Ciência e por ela formamos crenças racionalmente.  
Inclusive Rorty afirma que a filosofia analítica é oriunda desse projeto  
buscando terreno firme na análise linguística por meio de uma linguagem  
universal que permitisse explicitar toda a significação e ali fincando toda a  
teoria do conhecimento. Ocorre que Quine irá se opor ao empirismo lógico que  
resguarda as verdades analíticas e contestará a dualidade analítico-sintética  
chegando a analisar a epistemologia empiricamente.  
  
\*\*A opção por descrever processos de conhecimento: saber como e saber que\*\*.  
Quine contesta termos como certeza e conhecimento como sendo vagos no campo  
científico e, por isso, não se utilizará de conceitos e definições, mas das  
noções pragmáticas “saber que” e “saber como”. Conceitos pertencem à esfera da  
semântica internalista e não permitem uma descrição comportamental –  
observacional e científica. Já a semântica extensionalista se afastará do  
vínculo entre conhecimento e entidades ou proposições. Quine se fiará na  
descrição empírica das crenças e, se afastando da linguagem pura pretendida  
pelo empirismo lógico, se voltará para a linguagem ordinária.  
  
Ora, há um saber (o científico) e a Filosofia busca descobrir como a Ciência  
se desenvolve e é apreendida, mesmo que ainda suscetível a constante  
aperfeiçoamento. Já que o modelo fundacionalista cartesiano não deu conta de  
justificar logicamente a Ciência, Quine procurará descrever como ela é  
possível sendo instrumento de análise e objeto a ser analisado. Portanto, se  
filosofa pelo próprio método científico, que é o esquema conceitual vigente.  
  
\*\*A recepção da condição de verdade no pensamento quineano\*\*. Conserva mostra  
que o modelo canônico tem por fim a obtenção da verdade por meio da  
justificação epistêmica. A verdade é obtida através de representação, dentro  
de uma perspectiva realista, mas sabemos que nossa representação é parcial e  
sempre superada por novos instrumentos. Porém, o modelo quineano não toma um  
mundo a ser conhecido, ao contrário, mundo, referência e ontologia são partes  
acessadas por nós por uma estrutura lógica e linguística. Compreensão de mundo  
e aprendizado da linguagem são dois lados da mesma moeda[iii].  
  
Além do mais, o modelo padrão utiliza uma justificação apriorística, herança  
da epistemologia platônico-aristotélica fundada no discurso predicativo e  
proposicional, base da verdade. Para Quine, a construção do conhecimento vem  
do uso social da linguagem e não de uma relação representativa palavra-objeto.  
O conhecimento se constrói eventualmente revisando sentenças antes verdadeiras  
e como estamos cindidos da referência, a representação é colocada em xeque.  
  
A relação entre sujeito e mundo (representação?) se dá pelo aprendizado da  
linguagem; cada linguagem tem a sua ontologia, sua teoria de mundo empírica  
que se afasta do modelo padrão de crença verdadeira justificada.  
  
   
  
\* \* \*  
  
[i] Fichamento do primeiro capítulo do livro \_Quine: Linguagem e Epistemologia  
naturalizada\_ , de José Nilton Conserva. Curitiba, Appris, 2019. \_Primeira  
Parte: conhecimento para além do modelo padrão: esboço das teses quineanas\_.  
As referências ao longo do fichamento não são citadas e devem ser procuradas  
no texto original.  
  
[ii] Naturalizada porque se debruça sobre nosso processo natural de  
aprendizado.  
  
[iii] Representação:  
<https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2023/07/representacao-e-  
correspondencia.html>